

**O PEDIATRA NO ENFRENTAMENTO DA (IN) COMUNICAÇÃO:
AUTISMO INFANTIL**

EIXO: HOSPITAL

ODILA MARIA FERREIRA DE CARVALHO MANSUR¹

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ)

(Instituto Federal Fluminense – IFF)

LEILA REGINA D’OLIVEIRA DE PAULA NUNES²

(Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ)

Justificativa: nas crianças portadoras de TEA (transtorno do espectro autista) verifica-se uma falha na comunicação inicial: o bebê não manifesta intenções e sentimentos, prejudicando as trocas sociais e afetivas com sua mãe, o que nem sempre é percebido ou valorizado pelo pediatra. **Objetivo:** contribuir para atualização dos pediatras de forma a facilitar a identificação precoce de risco para autismo e consequente necessidade de estimulação. **Metodologia:** curso breve, de atualização na identificação de sinais de risco para autismo; características da doença; etiologia; diagnóstico e tratamentos; utilização de protocolos Chat, M Chat e IRDIS de identificação de risco; com 12h de duração, em 4 encontros de 3 horas cada, realizado por esta pesquisadora, com os vinte pediatras do Serviço de Pediatria do Hospital dos Plantadores de Cana (HPC), em Campos dos Goytacazes-RJ, com aplicação de pré e pós-teste para identificação dos conhecimentos adquiridos. **Resultados:** 95%, no pré-teste, relataram ter pouco ou nenhum conhecimento sobre autismo e tiveram dificuldade em defini-lo e informar suas características, bem como desconheciam os protocolos citados. Ressaltaram que na graduação em Medicina tiveram uma só aula sobre o referido tema. No pré-teste, 90% dos cursistas apontaram a necessidade de olhar para a constituição do bebê e a importância da identificação e intervenção precoces do autismo e seu relacionamento

¹ Doutoranda do PROPed - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro(UERJ); Professora da Disciplina de Pediatria da FMC; Coordenadora do Ambulatório Interdisciplinar do HPC- RJ; Pedagoga do Instituto Federal Fluminense; Pedagoga; Mestre em Cognição e Linguagem; Especialista em Educação em Saúde. odilamansur@yahoo.com.br

² Ph.D. em Educação Especial. Professora titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ. leilareginanunes@terra.com.br

com o desenvolvimento subsequente. **Conclusão:** os pediatras deveriam ter acesso a informações por meio de uma capacitação que lhes fornecesse embasamento para o reconhecimento precoce e a triagem de casos de autismo, com o objetivo de levar ao encaminhamento o diagnóstico.